

PEPETELA

Abril de 2007

1973 - As Aventuras de Ngunga
1978 - Muana Puó
1980 - Mayombe
1985 - O Cão e os Caluandas
1985 - Yaka
1992 - Geração da Utopia
1995 - O Desejo de Kianda
1996 - A Gloriosa Família
1996 - Parábola do Cágado Velho
1997 - A Gloriosa Família
2000 - A Montanha da Água Lilás
2001 - Jaime Bunda, Agente Secreto
2003 - Jaime Bunda e a Morte do Americano
2005 - Predadores

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pepetela>

Pepetela, pseudónimo de Artur Pestana, é natural de Benguela, onde nasceu em 1941. Realizou os estudos primários e secundários em Benguela e Lubango. Em Portugal frequentou o Instituto Superior Técnico de Lisboa. Após a sua fuga para o exílio, juntou-se ao Movimento de Libertação Nacional. Em Argel, formou-se em Sociologia e integrou a equipa que formou o Centro de Estudos Angolanos. Foi Vice-Ministro da Educação. Grande parte da sua produção foi publicada após a independência, como de resto se passa com uma boa parte dos ficcionistas angolanos. Publicou *Muana Puó* (1978); *As aventuras de Ngunga* (197.); *Mayombe* (1980); *O Cão e os Calús* (1985); *Yaka* (1985); *Lueji, o Nascimento dum Império* (1990); *A Geração da Utopia* (1992); *O Desejo de Kianda* (1995); *Parábola do Cágado Velho* (1996) *A Gloriosa Família* (1997). A **tematização da história** imediata, social ou política, e antiga constitui a trama de quase todos os seus romances como *Mayombe*, *Yaka*, *Lueji, o Nascimento dum Império*, *A Geração da Utopia*, *Lueji*, *A Gloriosa Família*.

É no cruzamento que a onomástica e as personagens estabelecem com a História onde vamos encontrar motivos de grandes interrogações sobre o labor ficcional de Pepetela. Em *Yaka*, um romance em que se conta a saga dos Semedo, uma família descendente de um antigo colono, este autor submete personagens da História de Angola como Mutu-ya-Kevela a um tratamento semântico que suscita alguma perplexidade para o leitor angolano avisado, numa trama que se traduz em inadequada superação das metáforas coloniais. Mutu-ya-Kevela, que é um herói da resistência ao colonialismo, não pode ser reduzido a "monstro de dentes compridos" funcionando como um horror às crianças, tal como acontece em *Yaka*. A perplexidade atinge o apogeu, quando a incorporação de personagens-referenciais no romance deixam de satisfazer aquele fim, através do qual se deve reabilitar os heróis passado, da grande narrativa angolana que é a História de Angola. Em tudo isso reside uma inquietação com aquelas coisas que tocam as identidades colectivas e a legitimação do lugar que se ocupa na sociedade. Numa das suas entrevistas publicadas em livro, Pepetela revela as suas grandes preocupações com a *formação da nação*. E atribuía tal propensão e a recorrência do tema na sua obra ao facto de ter estudado Sociologia.

Com efeito, digno de destaque para aquilo que deve ser o cânone literário são *Mayombe*, *A Geração da Utopia* e *Parábola do Cágado Velho*. Aqui Pepetela revela-se um importante arquitecto para o imaginário angolano.

<http://www.nexus.ao/kandjimbo/pepetela.htm>

Biografia:

Pepetela (pseudonimo di Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos) è nato a Benguela in Angola nel 1941. Di razza bianca si sente profondamente angolano e si è impegnato nella lotta armata per la liberazione del suo paese dal Portogallo. Dopo l'indipendenza diventa ministro per la Cultura, segretario dell'Unione scrittori angolani e docente di sociologia presso l'Università di Luanda. In Italia è stata pubblicata anche una sua opera teatrale: La rivolta della casa degli idoli, in Teatro africano, Bulzoni, Roma, 1988. Pepetela può essere definito uno "scrittore-guerrigliero": perchè animato da vivace passione, ha tentato attraverso le proprie opere di far nascere nel suo popolo un sentimento nazionale superando le debolezze del tribalismo. La sua produzione più recente testimonia la riflessione della generazione rivoluzionaria sulla situazione dell'Angola di oggi. In lingua italiana oltre a Mayombe è stato pubblicato La parabola della vecchia tartaruga nel 2000, per l'editore Besa di Nardò (Le).

http://www.ilgiocodeglispecchi.net/Autori/Autori_BiografiaAutore.asp?RicercaAutore=345

Nome:	Pepetela
Data Nascimento:	1941-09-10
Naturalidade:	Benguela
Gênero Literário:	N/A

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) nasceu em Benguela, a 29 de Outubro de 1941. Fez os seus estudos primários e secundários em Benguela e Lubango, partindo em 1958, para Lisboa para fazer o curso superior. Frequentou o Instituto Superior Técnico, tendo nessa altura participado em actividades literárias e políticas na Casa dos Estudantes do Império. Por razões políticas em 1962, saiu de Portugal para Paris, França, onde passou seis meses, seguindo para a Argélia, onde se licenciou em Sociologia e trabalhou na representação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e no centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar.

“Quando regresso a Benguela, tenho sempre a sensação de reentrar no ventre materno. Começa pelo ar. Cada terra tem o seu ar, com consistência própria e sobretudo cheiros particulares. Sinto isso ao chegar, sendo mais acentuado se a viagem é feita de avião, em que não há etapas de transição para adaptação dos sentidos às mudanças... Depois há a cidade e as gentes.” Palavras de Pepetela sobre a sua cidade natal.

Em 1969 parte para a região de Cabinda participando directamente na luta armada como guerrilheiro e como responsável pelo sector da educação. Adoptou o nome de guerra de Pepetela, que significa pestana na língua Umbundo, e que mais tarde viria a utilizar como pseudónimo literário. Em 1972 é transferido para a Frente Leste desempenhando as mesmas funções até 1974. Integrou a primeira delegação do MPLA que chegou a Luanda em Novembro de 1974.

Desempenhou os cargos de Directo de Departamento de Educação e Cultura e do Departamento de Orientação Política. Foi membro do Estado Maior da Frente Centro. De 1975 a 1982 foi vice-ministro da Educação, passando posteriormente a leccionar sociologia na Universidade de Luanda.

“A terra que a boca de Alexandre Semedo morde lhe sabe bem. É o cheiro do barro molhado pelo orvalho de madrugada e o som longínquo de badalos de vacas na vastidão do Mundo. Leva esse sabor o cheiro da terra molhada para cima da pitangueira, onde fica a baloiçar para sempre.” In: Pepetela. Yaka. 1985, p.395.

É membro fundador da União dos Escritores Angolanos. Grande parte da sua obra literária foi publicada após a independência de Angola, sendo alvo de inúmeros estudos em várias universidades e instituições de ensino em Angola e noutros países. As suas obras foram publicadas em Angola, Portugal, Brasil, além de estarem traduzidas em quinze línguas, nomeadamente alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, sueco, finlandês, japonês, servo-croata, búlgaro, russo, ucraniano, basco, holândes e grego.

“Jaime Bunda estava sentado na ampla sala destinada aos detectives. Havia três secretárias, onde outros tantos investigadores lutavam contra os computadores obsoletos. Havia também algumas cadeiras encostadas à parede. Era numa destas, a última, que Jaime poisava a sua avantajada bunda, exagerada em relação ao corpo, característica física que lhe tinha dado o nome. O seu verdadeiro nome era comprido, unindo dois apelidos de famílias ilustres nos meios luandenses. In: Pepetela. Jaime Bunda, Agente Secreto. Estória de alguns mistérios. Lisboa, Publicações D. Quixote, 2001.

As suas obras publicadas são: "As aventuras de Ngunga" (1973), "Muana Puó" (1978), "A revolta da casa dos Ídolos" (1979), "Mayombe" (1980), "Yaka" (1985), "O cão e os calús" (1985), "Lueji" (1989), "Luandando" (1990), "A geração da utopia" (1992), "O desejo da Kianda" (1995), "Parábola do cágado velho" (1996); "A gloriosa família" (1997); "A montanha da água lilás" (2000), "Jaime Bunda, agente secreto" (2001).

"É a escrita mestiça de um dos maiores nomes da literatura africana, de um dos melhores criadores de expressão portuguesa. Uma escrita grande na beleza estética, imensa no sentido comunicacional, cuidada na forma rigorosa, contida, e libertadora numa sempre renovada proposta-activa de fazer do pensamento, hoje, a arma principal contra todas as moléstias sociais, políticas e culturais. Guerrilheiro que foi, pepetela sabe definir os tempos e as circunstâncias. Por isso mesmo, guerrilheiro continua, guerrilheiro, todavia, que usa as palavras para um combate que tem de travar-se nos campos do conhecimento e da reflexão." In: Maria Augusta Silva, Diário de Notícias.

Foi galardoado com os seguintes prémios: Prémio Nacional de Literatura (1980) pelo livro "Mayombe"; Prémio Nacional de Literatura (1985) pelo livro "Yaka" Prémio Especial dos Críticos de São Paulo (1993 – Brasil) pela obra "A Geração da Utopia"; Prémio Camões (1997) pelo conjunto da sua obra; Prémio Prinz Claus (1999) pelo conjunto da sua obra.

Para a professora e crítica literária Inocência Mata, Pepetela "é um escritor que se tem revelado singular nesse trabalho de desconstrução discursiva, sem operar rupturas, e consequente desestabilização desse "local da cultura" nacionalista, pela reinvenção de uma estratégia que consiste em articular a sua ficção com as transformações da História, da sociedade angolana, e com as exigências de um pensamento novo face ao país real (que hoje pouco tem a ver com o país ideal). Muitas referências coincidem quanto a considerar a obra de Pepetela como buscando na História matéria para a ficção... Se, no universo literário angolano, o autor não pode, talvez com rigor, ser considerado pioneiro na tematização da História, ... a sua singularidade reside no questionamento do Presente (valores, comportamentos, ideias) a partir das mitificações (às vezes das falsificações) da História" In: Inocência Mata. Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta. Lisboa, Mar Além, 2001, p. 196-197.

"O meu dono seguiu o hábito dos outros brancos, fossem mafulos fossem portugueses, que nos chamavam de bárbaros por tomarmos banho sempre que podíamos e disso fazemos uma festa. Ele tomava um pela Páscoa e outro pelo Natal, não devia exagerar, muito banho desgastava a pele, como afirmava. E se esfregava dentro da selha, no meio do quintal, até ficar vermelho como um jindungo. Era espectáculo a que toda a gente assistia, família, forros e escravos, numa verdadeira festa, com muitos risinhos das mulheres e comentários malandros dos rapazes." In: Pepetela. A Gloriosa Família. O Tempo dos Flamengos. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, p.31.

<http://www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=79>

Pepetela homenageia Angola Prémio Camões 97 aos 55 anos

Editar em Angola é difícil. Ao dedicar o Prémio Camões ao seu país natal, Pepetela espera dos poderes públicos mais apoio à promoção da literatura angolano.

Era véspera do dia 25 de Abril. O ministro da Cultura de Portugal, Manuel Maria Carrilho, e o seu homólogo brasileiro, Francisco Weffort, reuniam-se então, em Lisboa, para decidir, entre outros temas, sobre uma adenda ao protocolo sobre o Prémio Camões. Os dois governantes tinham de precisar as regras relativas à atribuição do galardão e alargar a composição do júri a outros países lusófonos.

Foi nesse mesmo dia que é lançada a notícia, quando Manuel Carrilho, em conferência de imprensa, no Palácio da Ajuda, anunciou a distinção luso-brasileira atribuída ao escritor angolano, autor de «Parábola do Cágado Velho», o seu mais recente romance publicado este ano. Artur Maurício Pestana dos Santos, ou melhor Pepetela, de 55 anos de idade, é assim o primeiro escritor angolano a receber o galardão literário congrado à literatura de língua portuguesa. Na lista dos potenciais candidatos estavam também Luandino Vieira (angolano) e Mia Couto (moçambicano).

Constituído pelos portugueses António Alçada Baptista, Óscar Lopes, Fernando Martinho e pelos brasileiros Nélida Piñon, Carlos Nejar e Eduardo Portela, o júri manifestou desta forma «o apreço e a homenagem a um escritor que, pela sua obra, tem contribuído para o engrandecimento e projecção da literatura de língua portuguesa». A presidente do júri, a escritora brasileira Nélida Piñon, sublinhou a escolha de Pepetela «pela diversidade de linguagem e ocupação do universo ficcional», mas também pela sua maturidade enquanto autor. O ex-guerrilheiro, autor de «Mayombe», «Yaka», «Lueji», «A geração da Utopia» ou «O Cão e os Calus», entre outros, é para Piñon «um escritor com uma voz singular e uma linguagem autónoma». As homenagens e as felicitações não tardaram, vindas de todos os lados onde a língua de Camões fez presença. Nos últimos dois anos, o nome do escritor era ventilado como um potencial vencedor, entre as hipóteses que fizeram parte da lista do júri. Mas Pepetela nem sequer pensava no assunto, priorizando a recolha que está a fazer para um novo livro sobre a presença holandesa, no século XVII, em Angola. O premiado manifestou a sua satisfação pela escolha, e dedicou o prémio a Angola, como um bom augúrio para reforçar a esperança de uma paz duradoura. Por outro lado, Pepetela aspira com este prémio que os poderes públicos de Angola passem a prestar um maior apoio à literatura, num país onde, reconhece, é difícil editar livros.

Outros tempos

Benguelense residente em Portugal, mas em contacto permanente com Angola, Pepetela é conhecido pelo seu distanciamento em relação ao poder político. Tal afastamento acentuou-se, depois de «Mayombe», a partir da polémica que criou, nos anos 80, o seu livro «O Cão e os Calus». Sempre crítico face à situação no seu país, o premiado exprime em «A Geração da Denúncia» (1992) o seu desencanto pelas esperanças desfeitas de uma geração, a qual lutou corajosamente pela libertação e democracia.

Artur Pestana dos Santos percorreu um longo caminho desde o tempo em que integrou as fileiras do MPLA para participar na luta armada. Com a independência, em 1975, é nomeado vice-ministro da Educação, cargo que ocupa até 1980, no mesmo ano em que publica «Mayombe»; o romance resulta de escritos feitos no tempo da guerrilha, traduzindo-se também numa clara denúncia às divisões étnicas e raciais no seio do Movimento. Pepetela afasta-se da actividade política e como

professor de sociologia na Universidade de Luanda não deixou de reflectir Angola na sua obra

<http://www.angelfire.com/sk2/sq002/pepetela.html>

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos
PEPETELA

Escritor angolano: nascido em 1941

QUANDO TUDO ACONTECEU...

1941: Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) nasce em Benguela, Angola, em 29 de outubro. - **1958:** Parte para Lisboa, onde ingressa no Instituto Superior Técnico (Engenharia) que frequenta até 1960. - **1961:** Transfere-se para o curso de Letras. Neste mesmo ano acontece, em Luanda, a revolta que origina a Guerra Colonial. - **1963:** Torna-se militante do MPLA - Movimento Popular para a Libertação de Angola. - **1960/1970:** Frequenta a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, berço dos ideais de independência. Exilado na França e na Argélia, posteriormente gradua-se em Sociologia. - **1975:** Independência de Angola. Nomeado Vice-Ministro da Educação no governo de Agostinho Neto. - **1997:** Ganha o Prémio Camões pelo conjunto da sua obra. - **2002:** Recebe a Ordem do Rio Branco, Brasil. - **Actualmente** é professor de Sociologia da Faculdade de Arquitetura de Luanda, onde vive.

BIBLIOGRAFIA

Muana Puó - Romance escrito em 1969 e publicado em 1978.

Mayombe - Romance escrito entre 1970 e 1971 e publicado em 1980.

As Aventuras de Ngunga - Romance escrito e publicado em 1973.

A Corda - Peça teatral escrita em 1976.

A Revolta da Casa dos Ídolos - Peça teatral escrita em 1978 e publicada em 1979.

O Cão e os Calus - Romance escrito entre 1978 e 1982 e publicado em 1985.

Yaka - Romance escrito em 1983 e publicado em 1984 no Brasil e em 1985 em Portugal e em Angola.

Lueji, o Nascimento de um Império - Romance escrito entre 1985 e 1988 e publicado em 1989.

Luandando - Crônicas sobre a cidade de Luanda escritas e publicadas em 1990.

A Geração da Utopia - Romance que começou a ser escrito em 1972 e publicado em 1994.

A Gloriosa Família, o Tempo dos Flamingos - Romance publicado em 1997.

O Desejo de Kianda - Romance escrito em 1994 e publicado em 1995.

A Parábola do Cágado Velho - Romance. Começou a ser escrito em 1990 e foi publicado em 1997.

A Montanha da Água Lilás, fábula para todas as idades - Romance publicado em 2000.

Jaime Bunda, o agente secreto - Romance publicado em 2002.

O HOMEM E O MAR INTERIOR

*O mar trazia facas afiadas
nas costas de uma pedra
(quem diria!)
(Manuel Rui)*

“O homem é um ponto minúsculo na imensidão na chana ⁽¹⁾. O sol acaba de se erguer e perdeu o tom ensangüentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão do terreno, coberta apenas por capim. A mata, é ainda um tom azulado na distância e ele espera entrar em seus domínios aos primeiros alvares. A chana à sua frente é um mar, um oceano de capim baixo que lhe chega à altura dos joelhos. Mas ele sabe que lá, onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo da chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia.”

“O sol nascente indicou-lhe o caminho e reaqueceu-o do frio da noite. O homem recebe o calor na cara, como uma carícia particular. Sabe que, em breve, a carícia se tornará incômoda e, mais tarde, tortura. Por enquanto, porém, o sol é apenas o ser que fez afastar o frio e os terrores noturnos; é ainda bendito, para depois ser amaldiçoado e, quando desaparecido, ser desejado. Destino de qualquer soberano...”

“O homem tem uma arma, uma *Kalashnikov* soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo desgrenhado pelo suor e os dias de peregrinação de volta à proteção verde e densa da floresta. A barba termina em duas pontas, no queixo. Os olhos são grandes e realçados pelos sinais das noites mal dormidas. Veste uma farda camuflada e calça botas militares”. Do cinturão está pendente uma bolsa-cartucheira para os carregadores de reserva. Ao lado dela, uma bolsa verde, menor, guarda papéis e o emaranhado de anotações que lhe vêm à mente e o fazem registrar fatos do presente e do passado que povoam sua cabeça. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro.

Marcha rapidamente em direção à mata, os olhos inquietos abarcando toda a chana. Por vezes, estaca repentinamente e move a cabeça ou inclina-a para escutar e tentar perceber os sons que o circundam. Tenta neles reconhecer a presença de ao menos um dos camaradas de seu pelotão, o do Comandante Sem Medo, mas que neste momento estão perdidos, como ele, após o ataque súbito dos portugueses na volta à base. O silêncio tenebroso da chana o faz recordar vivamente o som de máquina de costura das metralhadoras e as explosões das granadas de que ele, ainda sem saber bem, escapou.

“Logo, no entanto, prossegue, cada vez mais rápido. A farda, as botas, a barba estão sujas de pó acumulado. A estação seca está no fim, mas as chuvas ainda não começaram. A chana está ressequida e a poeira cobre tudo. O capim novo já nasceu e contrasta com o amarelo que ficou da estação passada. Nos sítios onde chegara o fogo posto pelos caçadores, o negro calcinado já foi vencido pelo verde possante que fura a terra. Daí a três meses toda a chana estará coberta de água,

água parada onde crescerão girinos, sanguessugas e mosquitos, copulando constantemente. Então, qualquer marcha será um arrastar torturante com água pelos joelhos, com quedas freqüentes por causa dos buracos camuflados e o zumbir permanente dos mosquitos à volta da cabeça."

Agora, a chana ainda está seca e o homem marcha rapidamente para a fronteira-refúgio.

O MAYOMBE E OS SEGREDOS DO MUNDO

Que destino teria sido dado à terra?
teremos árvores crescidas à beira do naufrágio?
Mas há dez anos testemunhei a epilepsia
do planeta e da terra vestida de vespas
vinham aves amarelas, brancas e pretas.
Lembravam que a terra oferecia
em cada instante noites diárias e diariamente
as árvores cantavam quando o planeta
se aproximasse da tenda: em transumância
estava o destino da terra vestida de vespas.

(João Maimona)

"A amoreira gigante está à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata e o homem percorre seu tronco com os olhos: a folhagem da árvore mistura-se à profusão de tons verdes que o encerra na mata. Só o tronco da árvore se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe: os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida."

Protegido do sol tórrido da chama, o guerrilheiro deixa-se cair à sombra compacta das árvores. Fatigado, cai em pesado sono, mas, pouco depois acorda sobressaltado: um raio de sol vence a copa densa do telhado verde do Mayombe e projeta-se lentamente sobre seu rosto, como a mira certa da arma do inimigo. O homem levanta-se e empreende, mais uma vez, seu caminho tortuoso pela mata desconhecida, cuidando não deixar traços da sua passagem. Pára muitas vezes e decifra com cautela os ruídos da floresta, até que um som familiar lhe chega aos ouvidos: o rio corre manso à sua frente e o rumor das águas densas aguça-lhe a sede imensa e anestesia seus ouvidos com seu cantar constante e sutil. O homem engatinha para a margem e vence, mais uma vez, o emaranho de galhos, folhas e cipós. Mergulha a cabeça na água fria e pára de respirar por instantes para que a água fresca refresque-lhe a boca ressecada e inunde-lhe a garganta sedenta. Levanta a cabeça mais uma vez e mergulha, por fim, nas águas frias do rio para que a água retire de seu rosto o pó acumulado nos incontáveis dias de caminhada. Mergulha mais algumas vezes e, prostrado, cai em sono profundo com metade do corpo na margem, metade nas águas densas do Lombe.

ESCREVER PARA ENTENDER

O oceano separou-me de mim
Enquanto me fui esquecendo nos séculos
E eis-me presente
Reunindo em mim o espaço
Condensando o tempo

Na minha história existe o paradoxo do homem disperso.
(Agostinho Neto)

O homem acorda, de repente, quando uma onda mais forte vence a areia para lhe banhar as pernas nuas. O mar de Benguela cresce e suas vagas, cada vez mais, prolongam-se pelo tapete alvíssimo que reflete os últimos raios do sol da tarde.

O homem levanta-se após pouco tempo, tenta retirar com a mão os grãos de areia que lhe ficaram presos ao corpo e à barba e, com este gesto, expulsa, momentaneamente, as últimas imagens do sonho afugentado pelas águas daquela praia angolana.

Senta-se outra vez, ainda sonolento, refletindo entre o que é realidade e sonho porque sabe que as imagens brumosas que lhe apareceram sob essa forma pertencem ao seu passado e são, por isso, reais. Reclina-se na cadeira, pega o lápis e o caderno na velha bolsa verde que tem ao pé de si e cobre o branco aquecido do papel com memórias dos dias vividos no Mayombe, os conflitos iniciados naquele distante ano de 1961. Vêm-lhe à mente os soldados com quem conviveu, a fome, a sede, as vitórias sobre o inimigo, as inevitáveis derrotas, as conversas e histórias contadas, quer à luz do luar, quer acossados pelos portugueses, pelas vozes de Baltazar Vam Dum, Mavinga, União, Malongo, Comissário, Mundo Novo, Joel Semedo, Kanda e Lusolo, Sara e Carmina, algumas das muitas personagens que permeiam sua vida. Lembra-se por fim do cessar-fogo diante de uma dita independência que se presentificou diante do olhar vítreo e até então indecifrável de Yaka, a estátua tchokue.

Sua mão corre freneticamente por sobre o papel e faz com que as reminiscências o façam refletir, ali, mais uma vez, defronte ao mar azul do poente, sobre o que foram aqueles anos chamados de guerra. O mar participa da conversa mando-lhe ocasionalmente uma ou outra onda que banham seu pé descalço e fazem com que o homem se levante e contemple sua imensidão e quietude enquanto alisa a barba grisalha.

O mar tem sido seu mais constante interlocutor desde a meninice, quando seu pai português e sua mãe angolana o traziam à praia. Era ali, diante da imensidão nem sempre azul dos dias de calema que ele compreendia de fato as histórias de tradição *kwanyama* ⁽²⁾ e *nyaneka* ⁽³⁾ que os empregados da casa lhe contavam, o que o fazia pensar a diversidade de tradições - tão grandes como o mar - que compunha seu país e o tornavam ao mesmo tempo tão diferente e singular.

Foi também naquela mesma praia, em derradeira visita antes de partir para o combate, que ele deixou de ser apenas Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos e assumiu-se como Pepetela, traduzindo originalmente para *umbundo* ⁽⁴⁾ um dos seus sobrenomes como nome, literalmente, de guerra, para, a seguir, lançar-se no verde mar das florestas do leste de Angola, a fim de resgatar toda aquela singularidade que seu país perdera.

Durante o enfrentamento e afastado do mar, foi às águas dos rios que o guerrilheiro destinou suas dúvidas e anseios e do diálogo estabelecido com elas foi que ele aprimorou a empunhadura e o manejo das palavras. Através do mergulho metafórico em suas águas que o poeta visitou a profundidade de rios e lagoas, conheceu *Kiandas* ⁽⁵⁾ e visitou os domínios de *Suku-Nzambi* ⁽⁶⁾, o criador daquele e dos mundos que ele resgataria, anos mais tarde em um de suas narrativas e reflexões.

NAS ÁGUAS DA HISTÓRIA

Para a força hia um homem: e
outro que o encontrou lhe dice:
Que he isto senhor fulano, assim vay v.m.?
E o enforcado respondeo:
Yo non voy, estes me lleban.
(P^e. Manuel Velho)

As águas em seu vaivém constante alegorizam sua preocupação em repensar a história de seu país considerando sua pluralidade étnica que resulta, por sua vez, em uma diversidade de verdades que são verbalizadas através de suas muitas personagens. Todas essas vozes entretecidas fazem comentários explícitos sobre o passado, justapondo diversos pontos de vista sobre aquilo a que chamam “história”, sem discriminação entre versões verdadeiras e falsas.

Pensando nisso, o poeta senta-se mais uma vez na areia e espera que os últimos raios do sol se despeçam dali para brilhar do outro lado daquele mar outrora português. Pega a ponta do lápis e, devagar, começa a traçar linhas aleatórias pela areia úmida. Inspirado pelo poente, reflete sobre a constatação de que a guerra pela independência tornou-se igualmente crepuscular para Angola porque, apesar de livrar o país da opressão colonial, os ideais revolucionários, infelizmente, não resultaram para o país tal como haviam sido engendrados. Pior, muito pior que isso, muitos daqueles que lutaram por essa transformação são, naquele momento, agentes do mesmo tipo de opressão contra a qual tanto lutaram... O escritor levanta-se mais uma vez tentando, com isso, não pensar nesses e evitar, assim, o gosto amargo que lhe vem à boca ao rememorar tais fatos. Tal como o poeta português que lê desde a mocidade, o homem pensa se, de fato, valera a pena todo o sacrifício daqueles anos, visto que a “verdade” histórica que lhe é apresentada soa-lhe plenamente falsa. Sente-se feliz, no entanto, por viver hoje períodos de paz após tantos anos de guerra colonial e civil. Afinal, foi necessário passar por elas para saber realmente o que significa a paz.

AS ÁGUAS DA ESPERANÇA E DA POESIA

Kianda
Ateus
nos beijos do
Ulungu ⁽⁷⁾
Fazem
te panfletária
e publicitária
No nzumbi ⁽⁸⁾ do povo é
Kituta
& benção!
(Fernando Kafukeno)

O homem recolhe calmamente seus pertences, guarda na bolsa verde o lápis, o bloco de anotações e volta-se pela última vez para o mar. Este lhe responde enviando mais uma onda, desta vez mais forte, que apaga da areia os traços feitos com o lápis. O homem levanta-se e agradece as águas por serem suas cúmplices pessoais e ficcionais, já que elas representam para ele a alegoria de criação do universo, da renovação e do equilíbrio cósmico que possibilitou-lhe e a suas personagens enxergarem-se e compreenderem-se para, então, verem e entenderem profundamente todas as “verdades” que se lhe apresentavam.

Ele sabe que as águas são guardiãs da sabedoria angolana já que elas constituem o rio que divide o mundo dos vivos e dos espíritos, de cuja união depende a harmonia da existência porque um inexistente sem o outro. É através do seu correr incessante que se movem as forças primordiais geradoras da vida que fazem com que exista sempre uma possibilidade de recomeço. Tal como nas histórias ouvidas em criança, a evocação dos mitos de origem da vida encerra uma possibilidade de o povo angolano restaurar a harmonia cósmica após os anos de guerra. Por esta razão as águas dos rios, lagoas e mares são para ele um manancial de esperanças. A água lilás, cuja cor e aroma curam e alegam quem a toque ou aspire foi a alegria do povo da Montanha da Poesia, mas também a causa da guerra que o destruiu, segundo fábula que ele começou a rascunhar muitos anos antes. No entanto, é da força primordial delas que sai o canto de *Kianda*, o ser mítico das águas que, em outra de suas narrativas, ergueu seu canto majestoso e triunfal e alterou com seu poder ancestral tudo aquilo que o homem não pôde ou não quis mudar.

Pensando nisso, Pepetela, o homem, o escritor, larga na areia a velha bolsa verde e entra no mar para o último mergulho do dia, para sentir-se revigorado e também para ouvir lá embaixo das ondas ecos do canto guerreiro e divinal das *Kiandas*, que com suas fitas multicoloridas o saúdam e encorajam a ser agente de conscientização e transformação pela magia e poesia das palavras que ele engenhosamente maneja.

(1) **Chana** »»» Savana.

(2) **Kwanyama** »»» Etnia do sul de Angola, na província de Cunene.

(3) **Nyaneka** »»» Etnia do sudeste de Angola, ao longo do rio Cunene.

(4) **Umbundo** »»» Língua bantu, do sul de Angola.

(5) **Kianda**, **Kituta** ou **Kiximbi** são "espíritos das águas" e uma das entidades reguladoras do mar, dos lagos, dos rios, dos peixes, das marés e da pesca. Estão ligadas ainda à fecundidade feminina e às crianças, sendo a elas atribuído o nascimento de gêmeos. Apresentam-se envoltas por um clarão e redemoinhos de águas ou de ar.

(6) **Suku-Nzambi** »»» Deus supremo da natureza que, depois de haver criado a terra, o sol e a água, criou a mulher, utilizando terra. Deu forma ao homem, utilizando o fogo como matéria-prima. Após modelá-los, colocou-os à sombra da mulemba, árvore que representa o poder divino, e espargiu-lhes água. A esse casal primordial deu o nome de Samba e Maweze.

(7) **Ulungu** »»» Leme do barco.

(8) **Nzumbi** »»» Alma, espírito.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Ana a manda, os filhos da rede*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. 1989.

COELHO, Virgílio. "Imagens, símbolos e representações, "quiandas, quitutas, sereias": imaginários locais, identidades regionais e alteridades. Reflexões sobre o quotidiano urbano luandense na publicidade e no marketing." **Ngola** - Revista de Estudos Sociais. Luanda: I, (1), 1997:127-191.

DUTRA, Robson Lacerda. *O Espelho refratário das águas: uma leitura das relações entre história, ficção e mito em narrativas de Pepetela*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. 155 p. mimeo. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa.

KAFUENO, Fernando. *Missangas! Kituta*. Luanda: Edições de Angola, 2000.

HAMPÂTE-BÂ, Amdou. "Palavra africana". In: **O Correio da Unesco**. Paris; Rio de Janeiro, 11: 16-20, ano 21, nov. 1993.

HILDEBRANDO, Antonio. "A parábola do cágado velho: construindo pontes". In :

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa. (Org.) *África e Brasil: Letras em laços*. São Paulo: Atlântica, 2000.

JUNOD, Henrique A. *Usos e Costumes dos Bantos*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1974;1975. 2 v.

KABWASA, Nsang O'Khang. "O eterno retorno". In: **O Correio da Unesco**. Rio de Janeiro, 12: 14-15, ano 10, dez. 1982.

LABAN, Michael. *Angola: Encontro com escritores*. Porto: Fundação António de Almeida, 1988.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Fundação António Almeida, 1995.

MAIMONA, João. *Festa de monarquia*. Luanda: Kilombelombe, 2001.

MATA, Inocência. "Pepetela e as (novas) margens da nação angolana". Texto apresentado no VI Congresso Internacional da Associação Internacional de Lusitanistas. Rio de Janeiro, 1999.

MELO, João de. (org.). *Os Anos de guerra — 1961-1975 — os portugueses em África. Crônica, história e ficção*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

PEPETELA. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

RUI, Manuel. *Cinco vezes onze poemas em novembro*. Luanda: Edições dos Escritores Angolanos, 1985.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. "A alegoria de Kianda e o olhar 'melancólico' de

Pepetela". In: *Actas do V congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*

. Oxford; Coimbra: Universidade de Oxford, 1998.

. (coord.) *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Luanda: Kilombelombe, 2000.

. "As águas míticas da memória e a alegoria do tempo e do saber". In: **Scripta**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do CESPUC da PUC/MG. Belo Horizonte: PUC/MINAS, v. 1, no. 2, 1º. semestre de 1998.

<http://www.vidaslusofonas.pt/pepetela.htm>

Escritor angolano, [Pepetela](#) é um dos nomes mais relevantes da literatura contemporânea de língua portuguesa.

Conhecer a sua obra implica conhecer um pouco mais da história de Angola. O artista percorreu um percurso político activo e é um grande conhecedor da história mais recente do país, que transporta para os seus livros.

Em 1997 foi galardoado com o Prémio Camões, considerado o mais importante prémio literário para autores de língua portuguesa.

[Bibliografia](#)

<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/>

Bibliografia

[MUANA PUÓ](#) - A obra foi escrita em 1969 e publicada em 1978

[MAYOMBE](#) - Escrito em 1970/71, em Cabinda e publicado em 1980.

[AS AVENTURAS DE NGUNGA](#) - Escrito e Publicado em 1973.

[A REVOLTA DA CASA DOS ÍDOLOS](#) - Escrito em 1978 e publicado em 1979.

[O CÃO E OS CALÚS](#) - Escrito de 1978 a 1982, foi trabalhado para publicação em 1984 e publicado em 1985.

[YAKA](#) - Escrito em 1983 e publicado em 1984 no Brasil e em 1985 em Portugal e em Angola.

[LUEJI - O Nascimento de um Império](#) - Escrito de 1985 a 1988 e foi publicado em 89.

[LUANDANDO](#) - A obra foi escrita e publicada em 1990.

[A GERAÇÃO DA UTOPIA](#) - Começou a ser escrito em 1972 e veio a ser publicado em 1994.

[O DESEJO DA KIANDA](#) - Escrito em 1994 e publicado em 1995.

[A PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO](#) - Começou a ser escrita em 1990 e foi publicada em 1997.

<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/>

Biografia

Pepetela, de nome próprio Artur Pestana, nasceu em Angola, na província litoral de [Benguela](#), aos 29 de Outubro de 1941. Descendente de uma família colonial, os seus pais eram, no entanto, já nascidos em Angola.

É na sua cidade natal que Pepetela faz o ensino primário, depois a partida para o [Lubango](#), só aí era possível prosseguir os estudos e foi no Liceu Diogo Cão que Pepetela completou o ensino secundário.

Lisboa, em 1958, foi o destino académico que se seguiu, no Instituto Superior Técnico que o autor frequentou até 1960 quando ingressa no curso de engenharia. Uma vez mais a mudança, desta vez para frequentar o curso de Letras apenas durante um ano, pois, ainda em 1961, Pepetela faz a [opção política](#) que viria a mudar o rumo da sua vida e a marcar toda a sua obra, tornando-o um narrador de uma história de Angola que conhece, porque a viveu. Pepetela tornou-se militante do [MPLA](#) em 1963.

Quando abandona a vida política, Pepetela opta pela carreira de docente na faculdade de arquitectura em [Luanda](#) a dar aulas de sociologia...Nunca deixa de dar aulas embora se mantenha como escritor a tempo inteiro, até ter vindo para Lisboa em 1995 onde permanece até agora.

<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/biografia.html>